

de avignon ao brasil, a vida de julian beck, uma anotação anarquista

gustavo simões

Enrique Vila-Matas, em seu último livro, *Mac e seu contratempo*, ao expor os pensamentos de um escritor iniciante e seu diário, argumentou: “embora os assuntos mundanos logo tenham me levado por caminhos inesperados e até hoje eu nunca tenha escrito nada com intenção literária, sempre fui apaixonado pela leitura. Primeiro, fui leitor de poesia; mais tarde, de relatos, um amante das formas breves (...) Por outro lado, não simpatizo com romances, porque eles são, como dizia Barthes, uma forma de morte: transformam a vida em destino”.

O disparate da existência, a abordagem assistemática de ideias em diários e fragmentos reuniu como expôs Augusto de Campos, “uma pequena constelação de poetas-pensadores ou pensadores-poetas, que se situam no polo oposto ao dos articuladores de discursos normativos e sistemas fechados”. Entre esta pequena constelação que tem como procedências Heráclito, passando por Novalis e Nietzsche, segundo o poeta, contemporaneamente chama

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: gusfsimoes@gmail.com.

De Avignon ao Brasil, a vida de Julian Beck, uma anotação anarquista

a atenção a abertura experimental de John Cage, “todos os seus livros, de *Silence* a *Empty words*, mas particularmente o seu ‘Diário: Como melhorar o mundo (você só tornará as coisas piores)’”. Por fim, conclui, “os norte-americanos têm, de resto, atrás de si, a tradição extraordinária dos Diários de Emerson e Thoreau”⁴.

Para além dos apontamentos literários de Campos é preciso sublinhar que, em especial, depois da segunda guerra, os diários foram um dos principais modos escolhidos não somente por poetas e artistas, mas, também por certos anarquistas como modo de apresentar suas questões ético-estéticas. Na *verve*, em 2016, publicamos um breve texto de Julian Beck, anarquista como John Cage e amigo próximo do compositor, extraído do seu importante diário *The life of theatre*, no qual, ele descreve a participação ativa do *The Living Theatre*, em maio de 1968, na ocupação do Teatro Odeon. Como registrou em suas anotações, os acontecimentos de maio, vistos em um aparelho de televisão na Sicília, Itália, enquanto ensaiavam *Paradise now*, foram decisivos para que o grupo interrompesse suas atividades e se lançasse na agitação das ruas. Agora, nesta edição mais recente da revista, o Nu-Sol retoma as anotações do anarquista e inventor do *Living Theatre*, ao lado de Judith Malina, seguindo com as traduções de histórias ainda pouco conhecidas no Brasil, desta vez acerca do abandono de *Living*, em julho de 1968, do Festival de Avignon.

Judith Malina e Julian Beck desembarcaram no Festival de Avignon – evento inventado depois do fim da guerra, em 1947, por alguns artistas e intelectuais, entre eles o poeta René Char –, no início de julho, pouco tempo depois de terminada a ocupação do Odeon. Ainda animados com a

“grande obra em 30 dias”, maneira pela qual Beck definiu a tomada do teatro parisiense, encontraram uma cidade não menos polvorosa do que Paris. Dias antes, atuando pelas ruas, o grupo *Theatre Chêne Noir* havia sido duramente reprimido pela polícia francesa, a CRS. Logo após a sua chegada, em protesto contra a violência e em apoio aos *Chêne*, o elenco do *Living* apresentou *Antígona* com as bocas tapadas por fitas coloridas simbolizando a bandeira francesa. Em seguida, no *Palais de Papes*, um dos palcos mais importantes de Avignon, o grupo finalmente deu forma a *Paradise now*, provocando, de um lado, a reação de gaullistas que tentavam interromper sem sucesso a ação do grupo e, de outro lado, a alegria dos *enragés* que, ao final, saíram pelas ruas gritando “o teatro está nas ruas”.

A partir da apresentação de *Paradise now*, o *The Living Theatre* anunciou publicamente que se apresentaria gratuitamente pelas ruas de Avignon. Todavia, assim que chegaram ao bairro operário de Champfleury foram impedidos de trabalhar por setenta e cinco policiais fortemente armados. Segundo Joseph Tytell, o prefeito da cidade de Avignon – usando como justificativa a prevenção de supostos confrontos entre jovens de direita e esquerda –, depois de tomar conhecimento do conteúdo de *Paradise now* e da própria existência anarquista dos integrantes do *The Living Theatre*, emitiu um decreto especial proibindo qualquer apresentação do coletivo libertário. Segundo Denis Yueh-Yeh Li, ator do *The Living Theatre*, em 2016, um morador que narrou suas memórias da época corroborou com a pesquisa de Tytell. “Ele veio nos contou uma pequena história do porquê os *Living* se tornaram uma presença controversa (...). Um integrante estava tomando banho no meio do dia. Seu filho correu

De Avignon ao Brasil, a vida de Julian Beck, uma anotação anarquista

para a rua. Ele tentou pegá-lo o mais rápido possível. Em vez de vestir suas roupas, saiu com uma toalha cobrindo somente a parte inferior do corpo. Alguns cidadãos de Avignon condenaram a ação como algo que perturbaria a paz da cidade”.

Julian Beck, no texto a seguir, excerto 83 de *The life of theatre*, explicita a ruptura do *Living* com o Festival após o decreto do prefeito; atualiza a afirmação de Liev Tolstói em *O que é arte?* de que trabalhos artísticos não podem excluir ninguém social e economicamente; utiliza termos de Jean Dubuffet irrompidos em 68 como *cultura asfixiante*. E, finalmente, sublinha um deslocamento fundamental da perspectiva do grupo após o fogo de 1968. No rescaldo da ocupação do Odeon, em Paris e da realização de *Paradise Now*, em Avignon, além de se liberar do teatro, Malina e Beck abandonaram também a Europa e os Estados Unidos, experimentando o nomadismo no Marrocos e no Brasil, de onde Beck redigiu, em 11 de outubro de 1970, o que se lerá adiante.

Em plena ditadura civil-militar, no governo de Garrastazu Médici, em meio ao trabalho constante nas favelas do Rio de Janeiro e a dificuldade de se comunicar em linguagem fluente com trabalhadores e o *lumpen*, o anarquista recordou “os anos em que viajávamos pela Europa em vans VW, pirados, observando a paisagem (...). Recordo de teatros, nos quais, pessoas atentas nos recebiam e nos agradeciam”. Entretanto, logo adiante, corajoso, completa afirmando suas próprias decisões ético e estéticas: “pela primeira vez na minha vida alerta que no passado, a cultura, o modo de vida que levava, ao mesmo tempo em que me premiava com medalhas e amenidades, foi me esvaziando”.

Agora, 2018, em meio a comemoração de cinquenta anos dos acontecimentos 68, é mais que vibrante retomar esse breve trecho do diário de Julian Beck – artista que escreveu e viveu de maneira anarquista –, não de maneira nostálgica. “A nostalgia é reacionária”, anotou o libertário, neste excerto 83. Julian Beck, mais adiante, nas páginas que seguem, explicita que o anarquismo é sempre contemporâneo e, assim como os diários, é repleto de invenções singulares e intransferíveis, basta começar a escrever.

Notas

¹ Enrique Vila-Matas. *Mac e seu contratempo*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo, 2018, p. 12.

² Augusto de Campos. “Valery: eu mordo o que posso” in *Paul Valery: a serpente e o pensar*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

³ Idem.

⁴ Idem.

⁵ Ver a definição na aula-teatro publicada neste número de *verve*.

⁶ Joseph Tytell. *The Living Theatre: Art, Exile and Outrage*. New York, Groove Press, 1995.

⁷ Ver Dennis Yueh-Yeh Li. “AVIGNON”, disponível em: <https://www.livingtheatre.org/single-post/2016/11/29/AVIGNON>. Acesso em: 27/09/2018.

⁸ Ver Dorothea Passetti, “a atualidade de dubuffet: cultura asfíxiante” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, vol. 16, 2009.